

SÉRIE DIÁLOGOS ESTRATÉGICOS (NT22)

ÁFRICA DO SUL

UMA NARRATIVA SOBRE O AGRONEGÓCIO SUL-AFRICANO

Autor: Mario Alves Seixas¹

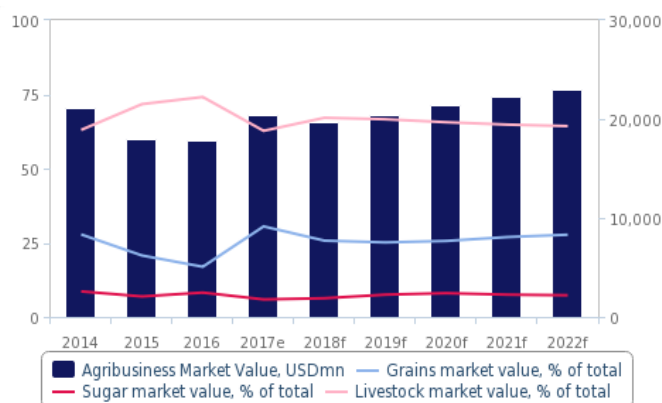
1. Resumo executivo

A Secretaria de Inteligência e Relações Estratégicas (SIRE) disponibiliza a **22ª Nota Técnica** da Série Diálogos Estratégicos — Mercados Internacionais Não Tradicionais, abordando o estágio atual de desenvolvimento do agronegócio sul-africano. A indústria vinícola é merecedora de destaque pelas contínuas melhorias e modernização de seus vinhedos, com a consequente produção de vinhos finos e sofisticados, aumentando sensivelmente a presença dos mesmos em mercados internacionais. Este trabalho está fundamentado em recentes relatórios publicados pela organização Fitch Solutions Macro Research (Fitch Solutions), pertencente à agência de risco Fitch Rating Inc., agências e institutos sul-africanos, bem como pesquisadores locais.

Geograficamente, a África do Sul compreende uma extensão territorial de 1.220.813 quilômetros quadrados. Demograficamente, compreende uma população de 57,73 milhões de habitantes, sendo 66,0% urbana e 34,0% rural, em 2018. São 11 idiomas oficiais, sendo o inglês e o afrikâner os mais representativos do país. Possui 3 capitais oficiais: Pretoria (administrativa), Cidade do Cabo (legislativa) e Bioemfontein (judicial) (South African Government, 2019)¹.

A economia da África do Sul apresentou um crescimento positivo de +1,3%, em 2017, parcialmente impulsionada pelos setores de agricultura, silvicultura e pesca. O volume total da produção agrícola sul-africana foi estimado em 62,9 milhões de toneladas, em 2017, comparado com 50,8 milhões de toneladas em 2016, representando um incremento de 24%, nesse período. O valor total da produção agrícola foi estimado em US\$ 19,6 bilhões, em 2017, aproximadamente 8,4% superior aos US\$17,97 bilhões, em 2016. O valor das exportações de produtos agropecuários foi de US\$ 8,9 bilhões, em 2017, um decréscimo de -0,4%, em relação a 2016, enquanto das importações foi de US\$ 6,09 bilhões, em 2017, uma queda de -5,0%, em comparação com 2016 (Agriculture, Forestry and Fisheries, 2018) e (South African Government, 2019)².

A Figura 1, apresenta uma estimativa dos valores de mercado do agronegócio da África do Sul.

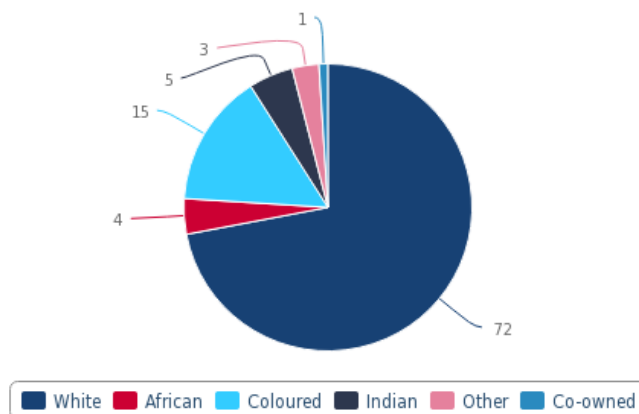


Fonte: Fitch Solutions (2018)²

Figura 1: Valor de mercado do agronegócio da África do Sul – 2014 a 2022

Fator inibidor de um maior desenvolvimento do agronegócio sul-africano é a complexa gestão fundiária (posse e propriedade de terras rurais), ainda em decorrência do colonialismo e do apartheid, a qual é limitante ao desenvolvimento sustentável da agricultura sul-africana. Narrativas evidenciam dificuldades para normatizar, legalizar e agilizar os procedimentos legais para posse e propriedade de terras rurais, as quais inibem investimentos à produção, bem como o desenvolvimento rural em geral. Agravante nesse contexto é a enigmática situação de posse e propriedade das terras rurais por pessoas de cor negra que, aparentemente, ainda sofrem preconceito na África do Sul (Fitch Solutions, 2019)¹.

A Figura 2, caracteriza a atual situação de posse e propriedade das terras rurais na África do Sul.



Fonte: Fitch Solutions (2019)¹

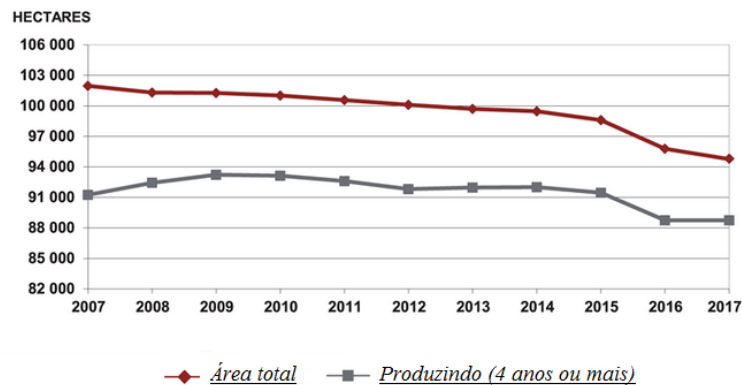
Figura 2: Posse e propriedade de terras agrícolas (% em relação à área total)

No contexto em que quase 60% da população rural vive em assentamentos rurais informais e em propriedades transferidas, sob acordos de posse de terras extemporâneos, fora do registro legal formal, sem pleno acesso a créditos e investimentos à produção, se evidencia a urgência de agilizar esse processo de regularização, tema fundamental para a sustentabilidade do agronegócio do país (Beinart, W. e Dellius, P. 2017).

2. A indústria vitivinícola sul-africana

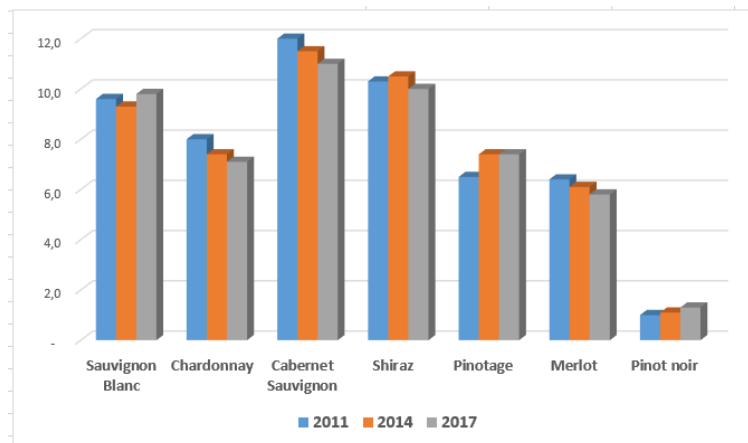
A África do Sul é globalmente conhecida pela qualidade e excelência de seus vinhos e cultivares nobres de uvas brancas, principalmente, e, progressivamente, pela excelência dos vinhos tintos. Desde 1994, a indústria do vinho sul-africano se modernizou e realinhou sua produção, alterando a estratégia de mercado de produção em volume, para vinhos originados de cultivares nobres e alta qualidade. Atualmente, mais de 3.000 agricultores cultivam cerca de 94.500 hectares de vinhedos, ocupando cerca de 300 mil trabalhadores, direta e indiretamente, na vitivinicultura. A colheita anual de uvas para vinicultura foi de 1,41 milhões de toneladas (1,1 bilhões de litros), em 2016, e 1,43 milhões de toneladas (1,12 bilhões de litros), em 2017. Em 2017, as exportações atingiram 448,5 milhões de litros (SAWIS, 2019).

A notável expansão da agroindústria vinícola no país, está no fato de que, em apenas 35 anos, a África do Sul já ocupa a 10ª posição (2018) no mercado exportador de vinhos finos. Para efeito de comparação, em 2018, a Itália liderava com 17,4% do total, a França, em segundo, com 16,6% e a Espanha, em terceiro, com 14,7%. A África do Sul representou 3,4% do mercado exportador global, em 2018. O país lidera globalmente em sustentabilidade ambiental e, a partir de 2010, foi introduzido um novo selo para os vinhos sul-africanos, constando o rastreamento do produto das vinhas à embalagem final. O selo é o primeiro do mundo e certifica a integridade de um vinho e a sustentabilidade ambiental (Gráficos 1 e 2) (SAWIS, 2019).



Fonte: SAWIS. Disponível em: <https://www.wosa.co.za/The-Industry/Statistics/SA-Wine-Industry-Statistics/>

Gráfico 1: África do Sul: Total de hectares cultivados com uvas para vinho.



Fonte: SAWIS. Disponível em: <https://www.wosa.co.za/The-Industry/Statistics/SA-Wine-Industry-Statistics/>

Gráfico 2: África do Sul: Participação das principais castas de uva de vinho (% da área total)

3. Outros destaques do setor do agronegócio sul-africano

2019 será um ano desafiador para os produtores de grãos e carnes, devido a três eventos principais: a) seca que afetou a parte ocidental do país atrasando o cultivo de milho, com a consequente redução da área cultivada com essa commodity; b) surto de febre aftosa em bovinos, que ocasionou a perda temporária do status de livre de febre aftosa; c) continua depreciação da moeda local, em relação ao dólar americano, acarretando maiores custos de importação e acelerando a inflação anual (de 4,8% em 2018, para 5,6% em 2019) (Fitch Solutions, 2019).

Estima-se que o setor do agronegócio apresentará uma evolução moderada até 2023, apoiada na recuperação do setor de grãos, com destaque para a cultura do milho, estimulado pelo crescimento dos setores de suínos e aves. Entretanto, há uma série de barreiras estruturais e incertezas que representam riscos significativos para um crescimento futuro, como a política de reforma agrária proposta pelo atual Governo, aumento dos custos dos insumos agrícolas, devido à crescente desvalorização da moeda nacional e o surto de febre aftosa em bovinos que acarretou a perda, temporária, do status de livre da ocorrência dessa enfermidade (Fitch Solutions, 2019).

As Tabelas 1 e 2 apresentam as estimativas de produção, consumo, comércio e riscos para as principais commodities na África do Sul, para o período de 2019 a 2023.

Tabela 1: Previsões de Produção, Consumo e Comércio de Grãos e Carnes (2019-2023).

Itens	Previsão de crescimento médio: 2019 a 2023	Perspectivas
Produção	Milho: 4,3%	Perdas elevadas nas safras de milho de 2018 e 2019 devido ao tempo seco nas regiões produtoras. Para 2023, é estimado que a produção se recupere e retome a tendência de alta gradual conforme o mercado reaja. Em relação à cultura do trigo, estima-se crescimento positivo muito embora continue sendo um mercado relativamente pequeno na África do Sul.
	Trigo: 4,2%	
	Aves: 1,0%	Crescimento da produção à medida que a indústria se recupere de surtos de gripe aviária, em 2017. Os preços das rações, embora tenham recentemente aumentado, devido a condições de seca para o milho, estavam contidos ao final de 2018.
	Suínos: 1,6%	A Organização Sul-Africana de Produtores de Suínos está ajudando a promover a carne suína como alternativa à carne vermelha. A produção de carne suína é relativamente competitiva em comparação com outras carnes.
	Carne bovina: 0,8%	A indústria de carne bovina é afetada pela baixa cotação internacional da moeda nacional e baixo crescimento no consumo doméstico, em função do enfraquecimento das perspectivas econômicas. O incremento na produção de carne bovina, será marginal.
Consumo	Milho: 0,8%	A demanda por grãos crescerá organicamente à medida que a renda per-capita aumente e o consumo de alimentos cresça.
	Trigo: 0,7%	
	Aves: 1,8%	A produção de carne de aves apresenta tendência de alta, devido aos fatores preço e diminuição de consumo da carne bovina.
	Suínos: 1,3%	Crescimento estável da produção de carne suína, devido aos fatores preço e diminuição de consumo da carne bovina.
	Carne bovina: 0,8%	O consumo de carne bovina será moderado devido aos preços mais elevados em relação a outras alternativas (aves e suínos) e ocorrência de problemas sanitários.
Comércio	Grãos	Excedentes de grãos são utilizados para abastecer os mercados regionais, dada a localização da África do Sul e sua participação nos organismos regionais de comércio. No entanto, o status do país como exportador continuará dependendo das condições climáticas, que se constitui no principal vetor impulsionador dos padrões de produção do país. Em 2019, as exportações de milho cairão; no trigo, a demanda por importação deverá permanecer estável, haja vista que os produtores sul-africanos só conseguem atender pouco mais da metade da demanda interna total.
	Carnes	As importações crescentes de carnes de aves do Brasil e da EU poderão incentivar os agricultores a se tornarem mais eficientes e aumentar a produtividade. O governo sul-africano introduziu um direito de salvaguarda de 13,9% em cortes de carnes de aves importadas da UE e isto irá fornecer algum estímulo aos produtores locais. A África do Sul continuará a importar carne suína uma vez que a demanda doméstica permanece consistentemente acima da capacidade de produção. A indústria nacional de carnes bovinas será capaz de suprir a demanda local e as exportações de carne bovina permanecerão positivas.

Fonte: Fitch Solutions (2019)¹.

Tabela 2: Riscos para as Projeções de Grãos e Carnes (2018-2023).

	Curto Prazo	Grãos: A seca no país continua sendo uma ameaça sempre presente.
		Aves: o impacto do surto da Influenza Aviária altamente patogênica na produção local pode piorar significativamente, constituindo assim um risco adicional negativo para as previsões de produção avícola.
	Longo Prazo	Grãos: Continuidade dos períodos de seca; esgotamento dos lençóis de água subterrânea.
		Legislação Fundiária: Apesar de que a polêmica política de "expropriação sem compensação" de terra na África do Sul tende a não resultar em agressivas grilagens, verifica-se que a falta de clareza sobre esta questão continua a ser risco fundamental que poderá potencialmente prejudicar os investimentos e as perspectivas de crescimento, a longo prazo.
		Carnes: A ocorrência de novos surtos de febre aftosa será altamente danosa à pecuária bovina no país. A regulamentação restringindo a quantidade de salmoura em pedaços de frango congelados, a 15% peso total, embora seja de 2016, ainda tem reflexos junto aos produtores, que continuam a alegar que esses requisitos são potencialmente devastadores à indústria, danos a serem conhecidos no final de 2019.

Fonte: Fitch Solutions (2019)¹.

4. Matriz SWOT

Resumidamente, as principais forças, fraquezas, oportunidades e ameaças ao desenvolvimento da agricultura da África do Sul estão descritas na Tabela 3.

Tabela 3: Matriz SWOT

Forças	- Diversidade de clima e topografia, variando de estilo mediterrâneo (chuvas de inverno), regiões de baixa pluviosidade no planalto central e áreas subtropicais, propiciam uma diversidade de opções para cultivos agrícolas. - O aumento da produtividade agrícola e a mudança dos hábitos de consumo contribuem para o incremento do consumo interno de alimentos, apoiando a produção local.
Fraquezas	- Legislação fundiária ultrapassada e confusa, dificultando regularizações fundiárias. - A migração urbana está reduzindo a força de trabalho rural da África do Sul, bem como aumentando a idade média da população rural. - Consumo excessivamente alto das águas subterrâneas em sistemas e instalações de irrigação para fins agrícolas, o que é problemático considerando a natureza errática das chuvas domésticas. - O clima não é propício para a produção de arroz e o país é totalmente dependente de importações. Também importa quantidades significativas de trigo. - Moeda nacional fraca torna as importações de insumos agrícolas e maquinaria relativamente mais caras.
Oportunidades	- Oportunidades de incremento das exportações de vinhos finos à União Europeia, uma vez que a África do Sul se beneficia do acesso isento de impostos a esse mercado. - Mercados de nicho, como chá de ervas e carne de avestruz, provavelmente encontrarão uma crescente audiência global entre os consumidores internacionais. - O uso crescente de culturas geneticamente modificadas ajudará a melhorar significativamente a produtividade e a produção agrícola. - A produção de milho se beneficiaria da decisão de suspender a proibição do uso da safra para biocombustível. - O consumo de açúcar, óleos vegetais e carne, entre outros, deverá aumentar devido à melhoria da renda per-capita e crescimento nas indústrias de fast food e restaurantes.
Ameaças	- A reforma agrária proposta em 2017 ameaça expropriar terras de agricultores e as redistribuir com base na raça. Preocupações sobre a implementação da reforma agrária e da redistribuição de terras rurais tem o potencial de impedir investimentos em atividades agroindustriais. - Um crescente êxodo de agricultores sul-africanos para outras partes da África pode ter um impacto negativo no agronegócio, privando-o de conhecimentos e habilidades. - As importações de frangos pela África do Sul dos EUA, Brasil e União Europeia estão minando as indústrias domésticas de aves. - O clima da África do Sul é volátil e secas periódicas exercem pressões crescentes sobre a oferta de grãos.

Fonte: Fitch Solutions (2019)¹

5. Setor de grãos

2019 será um ano desafiador para os produtores de grãos da África do Sul devido, principalmente, à continuidade da baixa incidência de chuvas nas regiões produtoras previstas para este ano que poderão atrasar, novamente, a época de plantio de milho, para a safra 2019-2020. O clima seco em 2018/19, na principal região produtora de milho, levou à uma redução da área plantada para cerca de 2,2 milhões de hectares de milho para esta safra, nível mais baixo desde 2015/16 quando o país passou por uma severa estação de ausência de chuvas.

➤ Tendências:

- Milho: estimativa de um decréscimo de **-19,4%**, para a safra de 2019, em relação à 2018.
- Trigo: estimativa de incremento de +1,8 milhões de toneladas, para a safra 2019, um acréscimo de +18,2%, em relação a 2018.

- Insumos: os preços internos de fertilizantes continuarão elevados em 2019, influenciados pela evolução do mercado global e pela desvalorização da moeda nacional. Dado que o país importa cerca de 80,0% de fertilizantes (57%, só de Nitrogênio) que consome, os preços internos estão expostos a flutuações no mercado global (Fitch Solutions, 2019)¹.
- Incertezas em relação à nova política fundiária. A controversa legislação fundiária proposta pela nova administração do país, de “expropriação de terras sem compensação”, poderá ter efeitos catastróficos na produção de grãos. Como consequência imediata, registrou-se, em 2018, uma queda **-32%** nos preços da terra, em relação a 2017. A curto prazo, isso restringirá ainda mais o acesso dos produtores de grãos aos insumos, pois os mesmos utilizam suas terras agrícolas como garantia, quando buscam crédito para financiar operações. A longo prazo, existe o risco de que a violação percebida dos direitos de propriedade leve à fuga de capitais (Fitch Solutions, 2018)⁷.
- Carne bovina: estima-se crescimento da produção para 1,05 milhões de toneladas, em 2019, comparado a 1,03 milhões de toneladas, em 2018. Para 2023, o crescimento será marginal, ao redor de 0,5% ao ano. O consumo interno de carnes é constante, variando de 985,9 toneladas (2018), 989,9 toneladas (2019) a 1.024,0 toneladas, em 2023.
- Avicultura de corte: em 2017, foi fortemente afetada pelo surto de gripe aviária. Em 2019, o setor está em acentuada recuperação e estima-se que a produção de aves aumente a 1,40 milhão de toneladas, em 2019, em relação a 2018 (1,38 milhão de toneladas).
- Suinocultura: estima-se crescimento estável até 2023 em termos de produção, com uma taxa média de crescimento de 1,6% para o período 2019-2023. A produção é estimada em 286.300 toneladas, em 2023. O consumo de carne suína atingirá 293 mil toneladas no mesmo período, sendo a diferença coberta por importações (FitchSolutions, 2019)¹.

Tabela 4: Estimativas da Produção e Consumo de Grãos na África do Sul (2017-2023).

Indicadores	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Trigo: produção (1000 t)	1.910,0	1.535,0	1.815,0	1.855,0	1.858,0	1.861,0	1.864,0
Trigo: produção (% ano a ano)	32,6	-19,6	18,2	2,2	0,2	0,2	0,2
Trigo: consumo (1000 t)	3.315,0	3.350,0	3.375,1	3.397,4	3.414,4	3.426,0	3.432,2
Trigo: consumo (% ano a ano)	0,4	1,1	0,8	0,7	0,5	0,3	0,2
Milho: produção (1000t)	17.551,0	13.525,0	10.900,0	13.286,0	14.000,0	15.000,0	16.000,0
Milho: produção (% ano a ano)	113,7	-22,9	-19,4	21,9	5,4	7,1	6,7
Milho: consumo (1000 t)	12.663,0	12.300,0	11.800,0	11.977,0	12.204,6	12.485,3	12.822,4
Milho: consumo (% ano a ano)	15,4	-2,9	-4,1	1,5	1,9	2,3	2,7

Fonte: Fitch Solutions (2019)¹.

6. Setor pecuário

Em 14 de janeiro de 2019, o Departamento de Agricultura da África do Sul (DAFF) confirmou que houve um surto de febre aftosa na região norte do país. Como imediata consequência, os principais mercados de exportação de carne da África do Sul, Botsuana, Namíbia e Suazilândia, entre outras, suspenderam as importações de carne bovina do país. Embora seja um risco para a indústria de carnes, o impacto potencial na produção pecuária ainda não está claro nesta fase, uma vez que as autoridades locais ainda estão investigando a extensão do surto de febre aftosa (Fitch Solutions, 2019)¹.

Estima-se que a produção da pecuária bovina se recupere a partir de 2020, após o surto de febre aftosa, em fins de 2018. Em relação ao consumo interno de carnes este é constante, variando de 985,9 toneladas (2018), a 989,9 toneladas (2019) e 1.024,0 toneladas, em 2023. Entretanto, se o controle sanitário não conseguir eliminar a ocorrência do surto observado deverá ocorrer uma progressiva substituição do consumo de carne bovina, por carne de aves, aumentando acentuadamente as importações de aves de corte pelo país (Fitch Solutions, 2019)¹.

Em 2017, a avicultura de corte foi fortemente afetada pelo surto de gripe aviária no país. Após dois anos, a indústria está em fase acentuada de recuperação e estima-se que a produção de aves aumente em 1,0%, para 1,40 milhão de toneladas, em 2019, em relação a 2018 (1,38 milhão de toneladas). O aumento dos preços do milho (e, portanto, da ração) após o recente clima seco e plantios reduzidos, no entanto, apresentam riscos negativos para a produção. O consumo de carne de aves também aumentará para 1,9 milhões de toneladas, em 2019, comparado a 1,85 milhões de toneladas, em 2018, e estimativa de 2,03 milhões de toneladas em 2023 (Tabela 6).

Estima-se para a suinocultura um crescimento estável até 2023 em termos de produção, com uma taxa média de crescimento de 1,6% e produção atingindo 286.300 toneladas. O consumo de carne suína atingirá 293 mil toneladas no mesmo período, sendo a diferença coberta por importações. (Tabela 6).

A Tabela 6, apresenta as estimativas de produção e consumo de carnes na África do Sul (2017 a 2023).

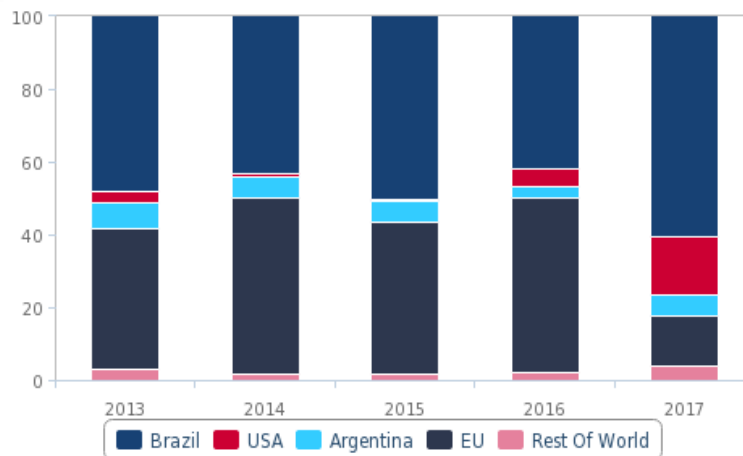
Tabela 6: Estimativas da Produção e Consumo de Carnes na África do Sul (2017-2023).

Indicadores	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Carne bovina: produção (1000 t)	1.003,0	1.033,1	1.053,8	1.059,0	1.064,3	1.069,6	1.075,0
Carne bovina: produção (% ano a ano)	-8,0	3,0	2,0	0,5	0,5	0,5	0,5
Carne bovina: consumo (1000 t)	983,0	985,9	989,9	995,6	1.003,2	1.012,6	1.024,0
Carne bovina: consumo (% ano a ano)	-8,2	0,3	0,4	0,6	0,8	0,9	1,1
Carne de aves: produção (1000 t)	1.335,0	1.388,4	1.402,3	1.416,3	1.430,5	1.444,8	1.459,2
Carne de aves: produção (% ano a ano)	-1,2	4,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0
Carne de aves: consumo (1000 t)	1.794,0	1.851,4	1.897,7	1.935,6	1.970,5	2.002,0	2.030,0
Carne de aves: consumo (% ano a ano)	-0,6	3,2	2,5	2,0	1,8	1,6	1,4
Carne suína: produção (1000 t)	250,0	265,0	275,0	277,8	280,5	283,3	286,2
Carne suína: produção (% ano a ano)	2,9	6,0	3,8	1,0	1,0	1,0	1,0
Carne suína: consumo (1000 t)	269,0	273,7	278,3	282,4	286,2	289,3	292,5
Carne suína: consumo (% ano a ano)	3,9	1,8	1,7	1,5	1,3	1,2	1,0

Fonte: Fitch Solutions (2019)¹.

➤ Tendências:

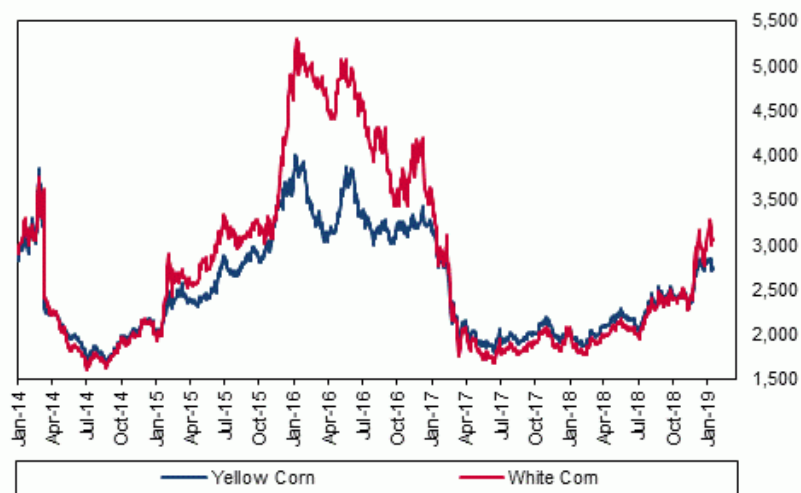
- Aumento na dependência de importações de frangos, apesar das restrições à importação provenientes da União Europeia (EU). Tentativas de frear as importações de frango da UE provavelmente levarão a um realinhamento do comércio, proporcionando oportunidades para outros países exportadores. Países exportadores de baixo custo, como Brasil e EUA são opções para preencher eventuais lacunas no mercado, o que já vem ocorrendo fortemente desde 2015 (Figura 3).



Fonte: Fitch Solutions (2018)²

Figura 3: Principais países exportadores de aves de corte para a África do Sul (% do volume total)

- Aumento nos preços do milho terá impacto limitado nos custos de alimentação: produtividade mais elevada, estoques mais altos e preços domésticos mais baixos, em comparação com os períodos anteriores de seca, manterão os preços do milho sob controle. Segundo a Fitch Solutions (2019)¹, estima-se que os agricultores cultivaram cerca de 2,2 milhões de ha de milho, em 2018, nível mais baixo desde 2015/16, durante uma seca severa (Figura 4).

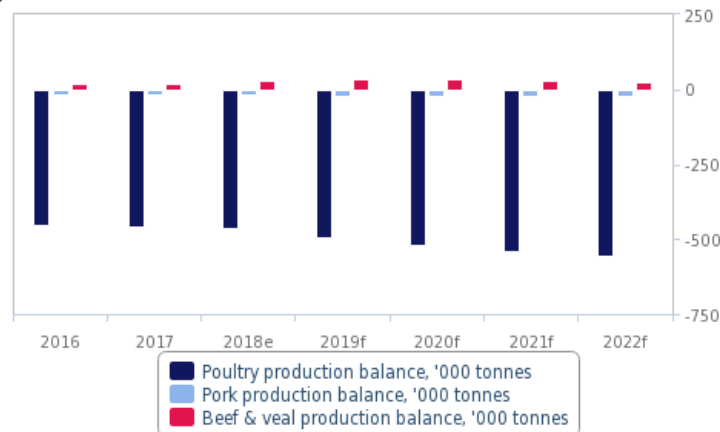


Fonte: Fitch Solutions (2019)¹

Figura 4: Preços de atacado milhos amarelo e vermelho, na África do Sul (Ran/ton)

- O crescimento da demanda por carne bovina tenderá a diminuir, sendo a carne de frango a preferencial para substituí-la: O crescimento econômico lento da África do Sul tem forçado a população sul-africana a substituir itens da pauta da alimentação, tendendo a incentivar o consumo de frango, com a consequente ampliação do déficit comercial do país. Uma série de barreiras estruturais, incluindo a incerteza da política de terras, a alta inflação e a contínua

depreciação da moeda nacional, pressionam a renda dos consumidores, resultando em um crescimento global mais lento, inclusive em relação ao consumo de carnes. Um ambiente macroeconômico fraco, no entanto, prejudicará a capacidade da indústria de aves de melhorar a eficiência da produção. Fitch Solutions (2019)¹, citando um estudo da Universidade de Wageningen ressalta, inclusive, que outros países produtores de aves, como Brasil, Estados Unidos, Argentina e Ucrânia, podem produzir frango com custos de até 20% menores do que na África do Sul (Figura 5).



Fonte: Fitch Solutions (2019)¹

Figura 5: África do Sul - Balanço da Produção Pecuária (mil toneladas)

7. O Fator Terra: Aspectos Fundiários da África do Sul

Em 1994, o governo sul-africano aprovou a Lei de Restituição dos Direitos à Terra, inicialmente concebida como um processo limitado para reparar a desapropriação de terras que ocorreu através de legislação e práticas racialmente discriminatórias durante a era da segregação e do apartheid. Esta política visava corrigir as desigualdades raciais na propriedade da terra. Destinava-se àqueles que haviam sofrido com a política do apartheid, como a remoção forçada de proprietários rurais sul-africanos nas áreas rurais (Beinart W. e Dellius P., 2017).

A restituição foi uma resposta importante às injustiças da era do apartheid. Mas foi concebida como um processo limitado e de curto prazo - inicialmente a ser concluído em cinco anos. Entretanto, se arrasta há mais de duas décadas e poderá continuar por muitas décadas. Essa política, não foi concebida para expandir a produção agrícola ou outras formas de desenvolvimento rural, mas como uma estratégia política para reparar as injustiças do passado (da era do apartheid) (Beinart W. e Dellius P., 2017).

Após a promulgação da Constituição de 1996, o governo sul-africano aprovou a Lei de Proteção Interina dos Direitos Informais sobre Terras (IPILRA) a qual visava as antigas terras onde a força dos direitos consuetudinários e Permissões para Ocupar (PTOs) eram legalmente incertos. Esta legislação proporcionou alguma proteção e funcionou como um desincentivo para minar os direitos informais sobre a terra (Veit P. et alli, 2013).

Na década de 90, o Estado sul-africano era proprietário registrado de terras rurais que cobriam 13% do território da África do Sul, em diferentes províncias. Nessas áreas, se concentravam, no ano 2000, um terço da população rural (14,5% da população total), considerada a mais pobre do país. A substituição das leis do Apartheid por legislação moderna sobre os direitos à terra está muito atrasada, potencializando a gravidade da incerteza jurídica predominante, da superlotação e do conflito relacionado à terra. Por causa dessa incerteza quanto a quem tem direitos e quem pode tomar decisões, tanto projetos do governo quanto do setor privado estão parados ou desacelerados (Adam, M. et alli.,1999).

Veit P. et alli (2013), reforça os aspectos sócioeconômicos envolvidos nas questões de políticas fundiárias no país, ressaltando que dada a importância da terra e dos recursos naturais para os meios de subsistência e bem-estar locais, as comunidades rurais precisam de direitos fortes e seguros sobre suas propriedades, o que geralmente resulta em melhorias no manejo da terra, na produtividade agrícola e no bem-estar das famílias. Nos últimos anos, tem havido um aumento de aquisições de terras por parte de investidores agrícolas, principalmente para a produção de alimentos e biocombustíveis, demonstrando que a competição pelo acesso à terra e aos recursos naturais da África do Sul está aumentando. Em circunstâncias de posse precária, os produtores geralmente exploram os solos de forma intensa e não sustentável e extraem recursos naturais para maximizar os benefícios de curto prazo, corroendo a base desses recursos e impactando negativamente os ecossistemas (Veit P. et alli, 2013).

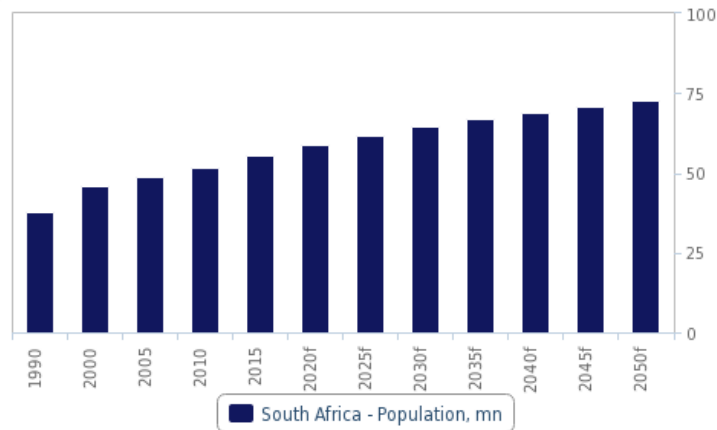
Plessis, E. (2018), em criterioso estudo que analisa o crescente esforço para fornecer registros formais de direito ocupacional para produtores familiares que vivem em propriedades rurais comunais, demonstra a relação em que muitos sul-africanos buscam obter acesso à titulação da terra, chamando-a de "*confusa, complexa, multifacetada e pouco compreendida*". Decisões do atual Governo (2018), propondo nova política de reforma agrária só agravou mais ainda um problema histórico (Plessis, E. 2018).

De acordo com Fitch Solutions (2019)⁷, muito embora se estime como de difícil aplicabilidade a expropriação de terras sem compensações, como uma política de Estado, conforme disposto na proposta governamental, sua efetividade é controversa. Se aplicada, existe o risco de que a violação percebida dos direitos de propriedade leve à fuga de capitais. Os produtores agrícolas em escala comercial estão adotando uma abordagem de "esperar para ver", já que as implicações legais e financeiras da nova política de reforma agrária, não estão totalmente mensuradas (Fitch Solutions, 2019)¹.

8. Análise demográfica

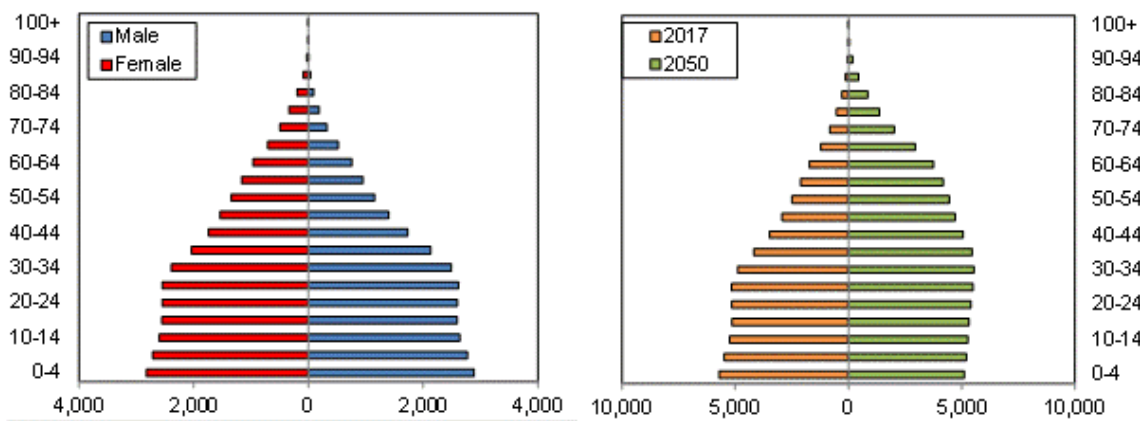
Uma breve abordagem demográfica é necessária como variável fundamental em exercícios de previsão macroeconômica e social. Nas Figuras 7 e 8, detalham-se a pirâmide populacional para 2050, a mudança na estrutura da população entre 2017 e 2050 e a população total entre 1990 e 2050. As Tabelas 7 e 8 mostram indicadores dessas figuras, além de métricas como índices populacionais, divisão urbana/rural e expectativas de crescimento da população pensionável versus economicamente ativa (Fitch Solutions, 2019)¹.

Resumidamente, projeta-se um crescimento de 11,1% da população total da África do Sul, concentrando-se principalmente na área urbana (69,4%), em relação à população rural (30,6%), predominância estável, mas constante, da população feminina sobre a masculina, com uma relação percentual de 0,96% (masculina/feminina), uma população economicamente ativa crescente, variando de 65,6% a 66,4%, entre 2015 e 2025, e um incremento da população pensionável, de 7,7% a 9,7%, como percentagem da população economicamente ativa no mesmo período.



Fonte: Fitch Solutions (2019)¹.

Figura 7: População da África do Sul de 1990 a 2050 (em milhões).



Fonte: Fitch Solutions (2019)¹.

Figura 8. Pirâmide populacional da África do Sula: 2017 (A) versus 2050 (B).

Tabela 7. Indicadores populacionais da África do Sul (1990 a 2025).

ITENS	1990	2000	2005	2010	2015	2020	2025
População, total ('000)	37.560	45.728,3	48.820,6	51.584,7	55.291,2	58.720,2	61.790,0
População, ano a ano (%)		1,49	1,19	1,20	1,38	1,13	0,95
População total, masculino ('000)	18.548,8	22.440,4	23.960,7	25.392,2	27.149,3	28.791,3	30.260,4
População total, feminino ('000)	19.011,7	23.287,9	24.859,9	26.255,5	28.141,9	29.929,9	31.529,6
Taxa populacional, masculino/feminino (%)	0,98	0,96	0,96	0,96	0,96	0,96	0,96
População economicamente ativa ('000)	21.550,5	28.519,1	31.244,2	33.471,4	36.256,4	38.701,3	41.013,9
Percentual população ativa versus total (%)	57,4	62,4	64,0	64,9	65,6	65,9	66,4
População pensionável ('000)	1.298,9	1.840,2	2.117,4	2.416,0	2.809,5	3.368,4	3.967,6
Porcentagem população pensionável em relação à população ativa total	6,0	6,5	6,8	7,2	7,7	8,7	9,7

Fonte: Fitch Solutions (2019)¹.

Tabela 8. População urbana e rural da África do Sul (total e %) (1990 a 2025).

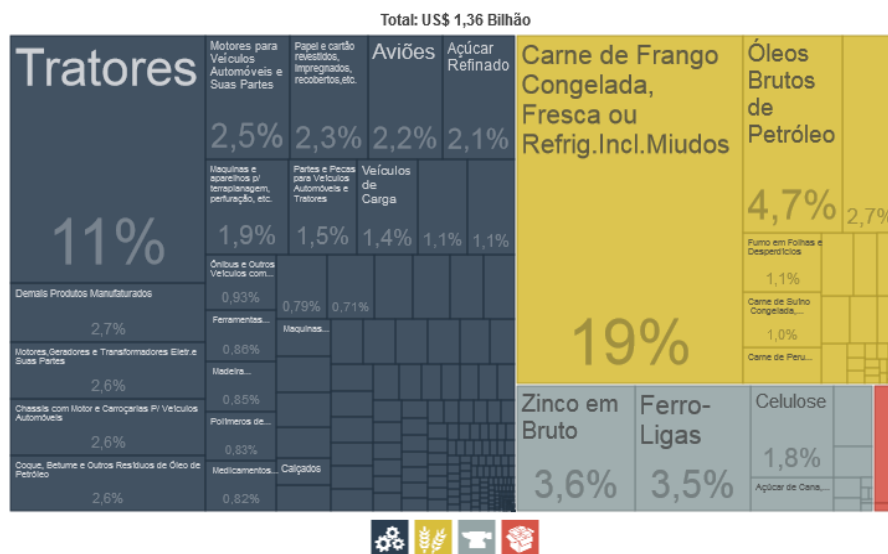
ITENS	1990	2000	2005	2010	2015	2020	2025
População urbana ('000)	19.545,4	26.015,3	29.065,8	32.094,9	35.829,3	39.456,0	42.868,7
População urbana (% do total)	52,0	56,9	59,5	62,2	64,8	67,2	69,4
População rural ('000)	18.015,2	19.713,0	19.754,8	19.489,7	19.462,0	19.265,3	18.921,3
População rural (% do total)	48,0	43,1	40,5	37,8	35,2	32,8	30,6

Fonte: Fitch Solutions (2019)¹.

9. Considerações Finais:

A África do Sul é um parceiro pouco representativo na pauta das relações de troca do comércio exterior brasileiro. Em 2018, foi o 37º parceiro comercial brasileiro, com participação de 0,57% no comércio exterior brasileiro, sendo o 37º nas exportações e 41º nas importações. Em 2018, as exportações totais somaram US\$ 1.36 bilhões, com uma variação negativa de -9,7%, em relação a 2017. As importações totais, por seu lado, totalizaram US\$ 662,94 milhões, com uma variação positiva de + 35,67%, em relação a 2017 (Ministerio da Economia, Industria, Comércio Exterior e Serviços 2019).

As exportações brasileiras para a África do Sul, em 2018, foram compostas principalmente por produtos manufaturados (56,8%), semimanufaturados (10,7%) e produtos básicos (31,7%), representados por carnes de frango, suínos e de perús, principalmente (Figura 9) (Ministerio da Economia, Industria, Comércio Exterior e Serviços 2019).

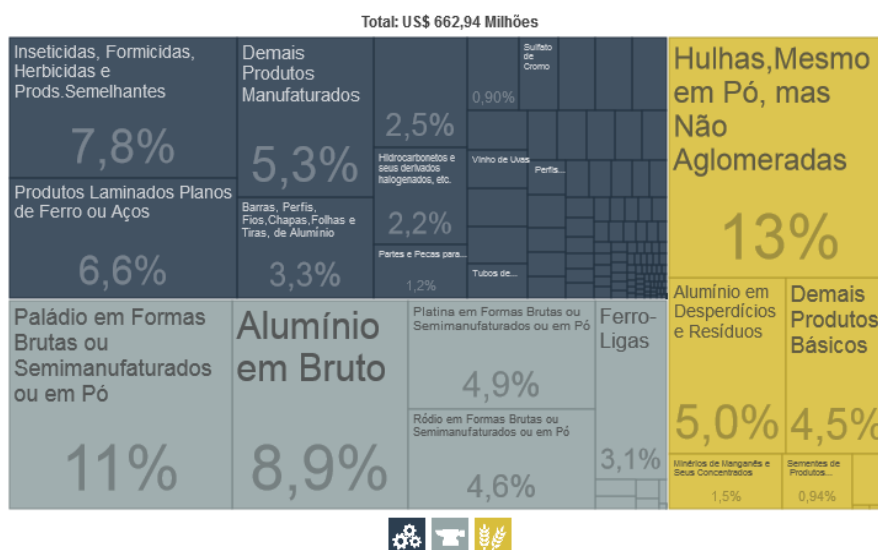


*Variações em relação ao ano anterior.

Fonte: Ministerio da Economia, Industria, Comércio Exterior e Serviços (2019)

Figura 9: Pauta de Exportações do Brasil para a África do Sul-variações (%) em relação ano anterior (2018 a 2017)

As importações, por sua vez, em 2018, foram compostas principalmente de produtos manufaturados (41,4%), semimanufaturados (33,2%) e produtos básicos (25,4%), sendo 0,94% destes representados por importações de sementes hortícolas (Figura 10) (Ministerio da Economia, Industria, Comércio Exterior e Serviços 2019).



*Variações em relação ao ano anterior.

Fonte: Ministério da Economia, Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2019)

Figura 10: Pauta de Importações do Brasil da África do Sul – variações (%) em relação ano anterior (2018 a 2017)

Os vinhos sul-africanos, de qualidade e origem controlada, ainda são marginalmente conhecidos no Brasil e nem constam dos grandes agregados da pauta de importações nacional. O Conselho de Pesquisa Agrícola (ARC), que vem a ser a instância governamental responsável pela gestão das atividades públicas de pesquisa, desenvolvimento e inovação agropecuária, é parceira, na parte agrícola, da indústria de vinhos local. Suas atribuições incluem a gestão do Sistema Nacional de Pesquisa e Inovação e do Sistema Público Nacional de Ativos, o qual compreende as coleções nacionais (bancos de genes) de vegetais e animais, bactérias, fungos, insetos, plantas, leveduras e vírus, entre outros componentes (Agricultural Research Council, 2018).

ARC pode ser considerada a contraparte natural e potencial parceira da Embrapa, desde que haja interesse político em aprofundar conhecimentos entre as duas instituições, buscando áreas de interesse mútuo para desenvolvimento. Menciona-se, particularmente, a área de pesquisas e inovação em vitivinicultura, tema inicial sugerido como de possível interesse e que poderia ser objeto de maior aproximação e conhecimento entre as Partes.

REFERÊNCIAS

- Adams, M, Cousins B. and Manona S. (1999). **Land tenure and economic development in rural South Africa: Constraints and opportunities**. Working Paper 125. Overseas Development Institute. December 1999. Acessível em: <https://www.odi.org/publications/2038-land-tenure-economic-development-rural-south-africa-constraints-and-opportunities>. Acesso em 11 de março de 2019.
- Agriculture Research Council (2018). **2017/2018 Annual Report – Agriculture Research Council**. 2019. Acessível em: <https://www.arc.agri.za/Pages/ARC-AnnualReport.aspx>. Acesso em 13 de março de 2019.
- Agriculture, Forestry & Fisheries (2018). **Annual Report 2017/18**. 2019. Acessível em: <https://www.daff.gov.za/daffweb3/.../Food.../AnnualReport/DAFF-AnnualReports>. Acesso em 12 de março de 2019.
- Beinard, W. and Dellius P. (2017). **South Africa: Land Tenure and restitution in South Africa – a Summary Report**. Analysis. Africa in Fact. 11 August 2017. Acessível em: <https://allafrica.com/stories/201708160465.html>. Acesso em 12 de março de 2019.
- du Plessis, E. (WJ) (2018). **Untitled: Securing Land Tenure in Urban and Rural South Africa**. North-West University (2018). South Africa. Acessível em: <https://dx.org/10.17159/1727-3781/2018/v21i0a3406>. Acesso em: 12 de março de 2019.
- Espinosa, D.K. (2014). **Africa - Secure Land Tenure: Food Security Depends on it**. Brief. Publicado por Focus on Land in Africa. 2014. Acessível em: <https://www.focusonland.com/download/53c51e774c72f>. Acesso em 08 de março de 2019.
- Fitch Solutions (2019)¹. **South Africa: Agribusiness Report: includes 5 years forecasts to 2023**. Q2 2019. 59p. Publicado por Fitch Solutions Group Ltd. Fevereiro 2019. Acessível em: <http://fitchsolutions.com>. Acesso em: 07 de março 2019.
- Fitch Solutions (2018)². **South Africa: Agribusiness Report: includes 5 years forecasts to 2022**. Q1 2019. 59p. Publicado por Business Monitor International Ltd. Dezembro 2018. Acessível em: <http://fitchsolutions.com>. Acesso em: 27 de fevereiro 2019.
- Fitch Solutions (2018)³. **Global Weekly Commodities Strategy: Commodities Fending Off Drop In Oil Prices**. Middle East&Africa Agribusiness. December 2018. 20p. Publicado por Business Monitor International Ltd. Dezembro 2018. Acessível em: <http://fitchsolutions.com>. Acesso em: 26 de fevereiro 2019.
- Fitch Solutions (2019)⁴. **MENA (Region) Africa Fertiliser Outlook: Improving Short-Term Consumption Outlook**. Middle East & Africa Agribusiness. January 2019. 12p. Publicado por Fitch Solutions Group Ltd. Janeiro 2019. Acessível em: <http://fitchsolutions.com>. Acesso em: 26 de fevereiro 2019.
- Fitch Solutions (2018)⁵. **South Africa: Heightened Agribusiness Policy Understanding in South Africa Threatening Production Rebound**. Middle East & Africa Agribusiness. November 2018. 7p. Publicado por Business Monitor International Ltd. Novembro 2018. Acessível em: <http://fitchsolutions.com>. Acesso em: 28 de fevereiro 2019.

Fitch Solutions (2019)⁶. **South Africa: Growing Challenges for South African Corn and Beef Producers.** Middle East & Africa Agribusiness. February 2019. 8p. Publicado por Fitch Solutions Group Ltd. Janeiro 2019. Acessível em: <http://fitchsolutions.com>. Acesso em: 08 de março 2019.

Fitch Solutions (2018)⁷. **Agribusiness Key Themes for 2019.** Global Industry Overview. December 2018. 7p. Publicado por Fitch Solutions Group Ltd. Dezembro 2018. Acessível em: <http://fitchsolutions.com>. Acesso em: 25 de abril 2019.

Ministério de Relações Exteriores-Departamento de Promoção Comercial e Investimentos (2016). **Brasil-Africa do Sul - Balança Comercial.** Novembro 2016. Acessível em: <https://investexportbrasil.dpr.gov.br/arquivos/.../INDAfricaDoSul>. Acesso em 22 de março de 2019.

Ministério da Economia Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2019). **Comex Vis: Parceiros Comerciais.** 2019. Acessível em <http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis/frame-pais?pais=zaf>. Acesso em 22 de março de 2019.

South African Government (2019)¹. **South Africa at a glance.** Janeiro 2019. Acessível em: <https://www.gov.za/about-sa/south-africa-glance>. Acesso em: 07 de março de 2019.

South African Government (2019)². **Agriculture.** Janeiro 2019. Acessível em: <https://www.gov.za/about-sa/agriculture>. Acesso em 07 de março de 2019.

SAWIS (2019). **The Wines of South Africa.** Disponível em: <https://www.wosa.co.za/The-Industry/Statistics/SA-Wine-Industry-Statistics/>. Acesso em 02 de abril de 2019.

Veit, P (2013). **Shedding Light on Land Tenure in Africa.** World Resources Institute. November 2013. 1p. Acessível em: <https://www.wri.org/41155>. Acesso em 11 de março de 2019.